

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

O fino cordão das marionetes

O movimento ainda não é de todo nítido, mas apurando um pouco a visão já é possível notar que o presidente Fernando Henrique Cardoso aterrissou com sua influência na disputa pela presidência do Senado. Ele não pode, não deve nem terá nenhuma atitude explícita, algo do tipo oficial, nesse sentido. É maluquice completa imaginar FH anunciando aos microfones que seu candidato chama-se Antônio Carlos Magalhães.

A questão é que ele nem precisa. E o primeiro sinal claro foi dado com a retirada da candidatura de Inocêncio Oliveira na Câmara, exatas 24 horas depois que Luís Eduardo Magalhães conversou sozinho com FH, dando a ele a dimensão exata do que significa a eleição de seu pai para a presidência do Senado.

Luís Eduardo formou ao lado do governo o tempo todo, desde que assumiu a presidência da Câmara. FH reconhece e festeja o fato. Não se cansa de dizer que o deputado é seu tipo inesquecível. A recíproca é verdadeira a tal ponto que nem mesmo em conversas mais soltas Luís Eduardo se permite o exercício da ironia quando a figura na berlinda é a do presidente. Fecha a cara e reprime a ousadia do interlocutor, mesmo que a piada trate de aspectos corriqueiros da personalidade de Fernando Henrique.

Pois bem. É igualmente uma maluquice completa imaginar que o presidente não se empenharia até o limite da compostura pela eleição de ACM. Quando o PFL decide pelo recuo de Inocêncio está, pois, abrindo o caminho ao presidente para apoiar ACM e ficar bem com o PMDB, que, com a eleição do senador baiano, fica com a presidência da Câmara.

Tudo bem combinado com o próprio Fernando Henrique, cuja ação efetiva, portanto, já começou. Evidentemente que com sutileza. Os cordões que mexem as marionetes são tão tênues que parecem invisíveis. Há no PFL quem prefira um engajamento mais aberto, sob pena de o partido retirar seu apoio à reeleição.

Mas, pelo jeito, o presidente vai deixar as coisas irem se resolvendo por si, soltando um sinal aqui e ali através dos canais disponíveis. Nesse ritmo escolhido por ele é que já houve uma evolução.

Há um mês, quando se tocava no assunto, o presidente respondia com a frase feita: "O Congresso é outro poder." Hoje, porém, a cantilena foi substituída por uma posição aparentemente dúbia, mas absolutamente clara. O presidente não entra nesse jogo no oficial, mas no paralelo está em plena partida.

Há ainda outros personagens que precisam se mexer. O PMDB do Senado é o mais óbvio, mas aí é um problema de variantes ainda nebulosas. Ao que tudo indica, Jader Barbalho e Iris Resende vão até o fim e a avaliação do governo é a de que José Sarney será fundamental para tentar um acerto. Há convicção no Planalto de que Sarney fecha com ACM. De que maneira, são outros quinhentos.

O PSDB do Senado, por enquanto, está na moita, caladinho, achando que a disputa não vai a plenário e que tudo se acertará antes em torno de Antônio Carlos. Evidentemente os senadores tucanos não assumem, mas prefeririam ver eleito o pefelesta Élcio Álvares. ACM sabe disso e contabiliza o fato na ficha espiritual de cada um.